

BF24

**PROGRAMA
CURATORIAL
SERPENTE INFINITA**

**CURADORIA
ANA RITO**

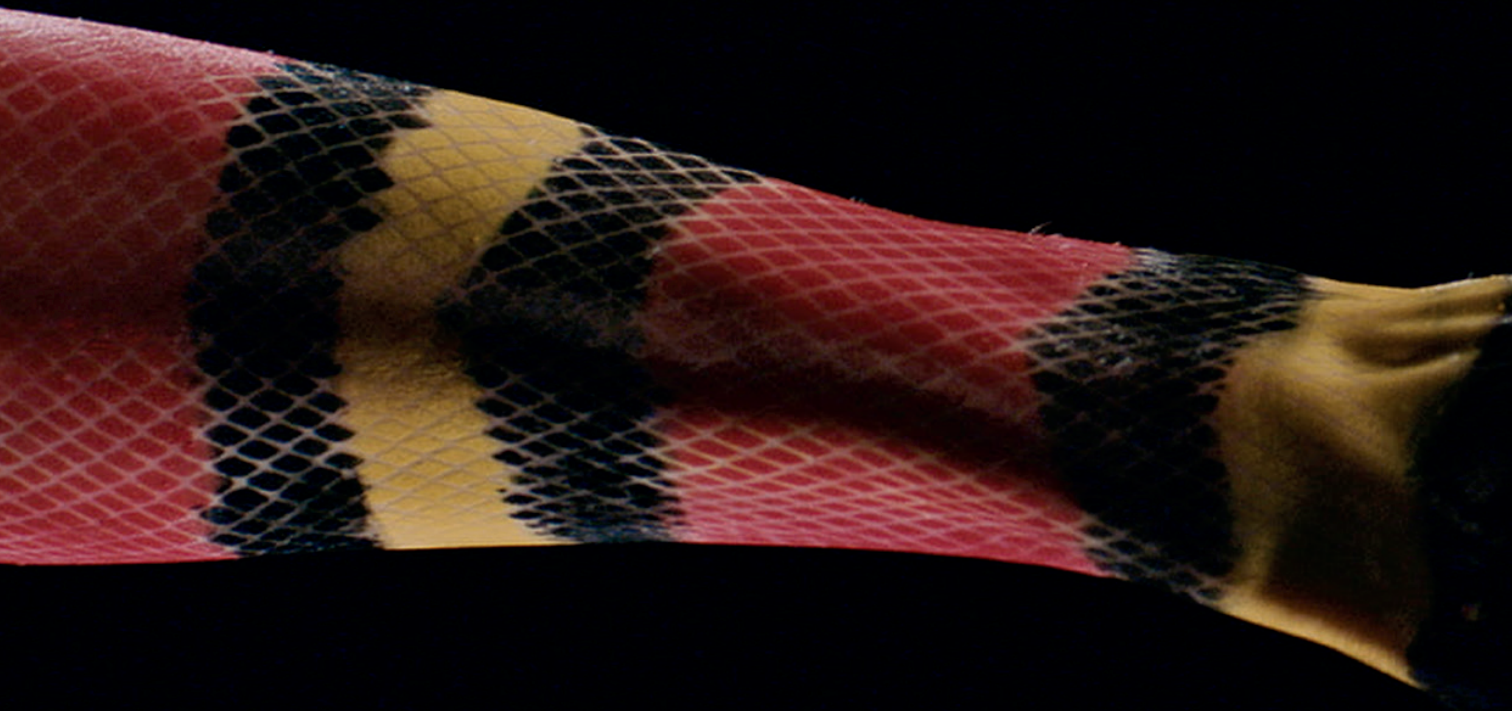
**30 NOV'24
A 23 MAR'25**

**15 FEV
A 23 MAR'25**

FÁBRICA DAS PALAVRAS
GALERIA PAULO NUNES -
ARTE CONTEMPORÂNEA
MUSEU DO NEO-REALISMO
MUSEU MUNICIPAL
DE VILA FRANCA DE XIRA
NÚCLEO MUSEOLÓGICO
DO MÁRTIR SANTO

CELEIRO DA PATRIARCAL

V I L A F R A N C A D E X I R A





Fernando Paulo Ferreira

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

A BF24 – Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira (a par da exposição de premiação dos trabalhos a concurso, no Celeiro da Patriarcal) apresenta um programa curatorial denominado *Serpente Infinita*, que invade vários espaços culturais em Vila Franca de Xira.

Estas exposições, por impulso e responsabilidade da curadora convidada desta edição, Ana Rito, podem ser apreciadas na Fábrica das Palavras, na Galeria Paulo Nunes – Arte Contemporânea, no Museu do Neo-Realismo, Museu Municipal de Vila Franca de Xira e Núcleo Museológico do Mártir Santo, de 30 de novembro de 2024 a 23 março de 2025; e, numa segunda

fase, no Celeiro da Patriarcal, de 15 de fevereiro a 23 de março de 2025.

Esta mostra de fotografia apresenta obras de conceituados artistas nacionais e internacionais, a quem deixamos o nosso agradecimento: Adriana Molder, Anna Maria Maiolino, Bárbara Fonte, Brígida Mendes, Bruce Nauman, Carla Cabanas, Damir Očko, Daniela Ângelo, Denilson Baniwa, Elisa Azevedo, Igor Jesus, Inês Moura, Institut Lumière, Irit Batsry, Paulo Arraiano, Sandra Rocha, Sr Teste e Tris Vonna-Michell.

É mais uma excelente oportunidade para celebrar a Cultura e valorizar a produção artística contemporânea, a partir de Vila Franca de Xira.

Sinopse

Era uma vez uma serpente infinita. como era infinita não havia maneira de se saber onde estava a sua cabeça. de cada vez que se lhe tirava uma vértebra não fazia falta nenhuma. podia-se mesmo parti-la deslocá-la emendá-la. ficava sempre infinita. quem quisesse levar-lhe um bocado para casa podia pô-lo na parede e contemplar um fragmento da serpente infinita.

Ana Hatherly¹

A partir de uma leitura especulativa de *A Lecture on Serpent Ritual*, texto que tem por base a conferência proferida por Aby Warburg em 1923 no hospital de Kreuzlingen (na altura, casualmente intitulado *Imagens da Região dos Índios Pueblo da América do Norte*), a atual edição da Bienal de Fotografia BF24 pretende exercitar uma abordagem multimodal e plural de conceitos como metamorfose, transmutação, magia, ritual, pele, maquilhagem, camuflagem, superfície ou dobra, observando as «imagens que mudam de pele». O fluxo das imagens, fixas ou/e moventes, devedor de um gesto anacrónico, potencia um atlas serpenteante onde as «ninfas» atravessam os tempos históricos e a contemporaneidade.

Estabelecendo um horizonte dialogante com a edição de 2022, o Programa Curatorial, intitulado *SERPENTE INFINITA*, apresenta um conjunto de intervenções em diversos locais da Vila, estando previstas exposições coletivas e apresentações individuais de artistas nacionais e internacionais, assim como uma residência artística e editorial na Fábrica das Palavras com a editora Sr Teste, do seio da qual resulta uma publicação que inclui a primeira tradução em língua portuguesa deste texto primeiramente publicado em 1938, acompanhado de uma «nova iconografia da serpente», a partir da consulta de todo o acervo da Biblioteca.

Criando zonas de contacto e de diálogo e examinando as relações entre a fotografia e a videoarte, a literatura, a performance, o cinema e o desenho, as exposições-ações são percebidas como cosmologias cruzadas de universos autorais que operam no campo *aberto* da fotografia.

¹ Ana Hatherly, *351 Tisanas* (Lisboa: Quimera, 1997), pp. 44-45.

«Mesmo que estejam em mundos separados, ambos — altar e atlas — configuram tentativas dirigidas (*Versuchsanordnungen*) de representar, por meio de objetos individuais específicos, as maiores ligações “energéticas” entre as forças que controlam o mundo.»²

Na observação do fotográfico como uma possibilidade de formação de subjetividades oscilantes, de geração de processos de hibridização das imagens em trânsito, seguimos a análise que Philippe-Alain Michaud faz do projeto *Atlas Mnemosyne* (1924–1929), examinando as dinâmicas de produção do movimento e daquilo a que poderíamos chamar cinematografia essencial.

A figura da serpente — da escultura de Laocoonte à cerimônia do povo indígena hopi — parece encarnar essas linhas (raios) que atravessam transtemporalmente mitologias individuais e coletivas e que se manifestam, de quando em vez, em quadros mais ou menos perceptíveis.

Warburg não terá assistido ao ritual da serpente entre 1895 e 1896, quando da sua visita às tribos ameríndias no Novo México e no Arizona, tendo a sua palestra sido precisamente uma operação entre documento, empirismo e ficção.

Ora, as imagens não são uma mera propriedade ou manifestação material de um qualquer *medium*, ou técnica (tecnologia); elas são, acima de tudo, uma operação ou um conjunto de operações: relações porosas entre o visível e o invisível, o dizível e o indizível, numa sinuosa teia de re-significações e infusões, dissemelhança, deslocamento e desfasamento.

Ao destacar a relevância contínua do pensamento warburguiano no contexto da arte contemporânea, e especialmente da fotografia, procura-se explorar a interseção e o acontecimento da imagem, conectando narrativas universais e particularizadas de transformação e renovação.

Mudanças de pele, portanto.

Quando Goethe descreve a sua experiência perceptiva diante do grupo escultórico Laocoonte, esta aproxima-se daquela que Warburg referia relativamente às figuras de Botticelli, num mesmo efeito, ou estímulo, *flicker*, um pestanejar que produz movimento a partir de algo aparentemente estático:

(...) coloquemo-nos diante do grupo com os olhos fechados e à distância necessária; vamos abri-los e fechá-los

² Kurt Forster apontava uma correspondência entre os altares hopi e os painéis de fundo negro do projeto *Mnemosyne*, apontando-lhes um mesmo propósito de conjuração. Kurt W. Forster, «Warburgs Versunkenheit», *Aby M. Warburg: "Ekstatische Nymphen...trauender Flußgott"; Portrait eines Gelehrten*, eds. Robert Galitz and Britta Reimers. (Hamburgo: Dölling und Galitz, 1995), pp. 74–78.

*alternadamente e veremos todo o mármore em movimento; teremos medo de descobrir que o grupo mudou quando abriremos novamente os olhos. Eu diria prontamente que, como o grupo está agora exposto, é um relâmpago fixo, uma onda petrificada no momento em que se aproxima da costa. Vemos o mesmo efeito quando vemos o grupo à noite, à luz dos archotes.*³

Warburg parece apresentar a serpente como figura ou representação do movimento, dos movimentos: das linhas, dos tempos, do cosmos, do *pathos*, das águas das chuvas, das colheitas, da ecdise (na muda da pele, das superfícies, dos corpos), das imagens que entram umas pelas outras.

Pensamos, a partir deste recorte concetual, a exposição enquanto ritual, uma sequência de pequenas cerimónias alumiadas por «archotes» (*flambeaux*), num plano quase não eletrificado, (aliás, Warburg acusava a tecnologia de retirar o mistério ao mundo, de lhe omitir o enigma que se esconde no escuro), num jogo aberto de aparições, de revelações a cada *flash* ou relâmpago, oscilando entre o foscado da noite, a tempestade e o início claro do dia.

Enquadramos, ainda, o fenómeno da *phantasmagoria* (finais do século XVIII), explorando o papel da sombra e da luz na revelação e na criação de espaço como uma transição entre o tangível e a ficção, o que significa equacionar os aspetos mais básicos da perceção, da cognição e também do movimento, de novo.

³ Goethe citado in Philippe-Alain Michaud, *Aby Warburg and the Image in Motion*. Zone Books, U.S, 2007, p. 67.

Organização

SERPENTE INFINITA organiza-se em dois momentos distintos, mas comunicantes: as exposições na Fábrica das Palavras, na Galeria Paulo Nunes, no Núcleo Museológico Mártir Santo, assim como as intervenções no Museu do Neo-Realismo e Museu Municipal, inauguram no dia 30 de novembro de 2024, ao passo que a exposição coletiva no Celeiro da Patriarcal inaugura a 15 de fevereiro de 2025. Todas as exposições podem ser visitadas até 23 de março de 2025.

São apresentadas obras de Adriana Molder (Portugal), Bárbara Fonte (Portugal), Brígida Mendes (Portugal), Carla Cabanas (Portugal), Daniela Ângelo (Portugal), Elisa Azevedo (Portugal), Igor Jesus (Portugal), Inês Moura (Portugal), Irit Batsry (EUA), Paulo Arraiano (Portugal), Sandra Rocha (França e Portugal), Tris Vonna-Michell (Reino Unido) e Sr Teste (Portugal), destacando-se a participação de Anna Maria Maiolino (Brasil), Leão de Ouro na 60.ª Bienal de Arte de Veneza, Bruce Nauman (EUA), Damir Očko (Croácia) e Denilson Baniwa (Povo Baniwa / Brasil), um dos curadores do Pavilhão do Brasil — Hãhãwpuá na 60.ª Bienal de Veneza. É ainda exibido, no contexto da exposição no Celeiro da Patriarcal, *Danse Serpentine II* (1897–1899), filme realizado por operador desconhecido, atribuído à Sociétés Lumière, em parceria com o Institut Lumière.



ARTISTAS

ADRIANA MOLDER

ANNA MARIA MAIOLINO

BÁRBARA FONTE

BRÍGIDA MENDES

BRUCE NAUMAN

CARLA CABANAS

DAMIR OČKO

DANIELA ÂNGELO

DENILSON BANIWA

ELISA AZEVEDO

IGOR JESUS

INÊS MOURA

INSTITUT LUMIÈRE

IRIT BATSRY

PAULO ARRAIANO

SANDRA ROCHA

SR TESTE

TRIS VONNA-MICHELL

**BF
24**

VILA FRANCA DE XIRA

MUSEU DO NEO-REALISMO
E MUSEU MUNICIPAL
DE VILA FRANCA DE XIRA
PAULO ARRAIANO

GALERIA PAULO NUNES –
ARTE CONTEMPORÂNEA
CARLA CABANAS

NÚCLEO MUSEOLÓGICO
MÁRTIR SANTO
DAMIR OČKO

FÁBRICA
DAS PALAVRAS
ANNA MARIA MAIOLINO
ADRIANA MOLDER
BÁRBARA FONTE
BRÍGIDA MENDES
BRUCE NAUMAN
DANIELA ÂNGELO
DENILSON BANIWA
ELISA AZEVEDO
IGOR JESUS
INÊS MOURA
IRIT BATSRY
PAULO ARRAIANO
SR TESTE
SANDRA ROCHA
TRIS VONNA-MICHELL

CELEIRO
DA PATRIARCAL
ADRIANA MOLDER
BÁRBARA FONTE
BRÍGIDA MENDES
DANIELA ÂNGELO
ELISA AZEVEDO
IGOR JESUS
INÊS MOURA
INSTITUT LUMIÈRE
IRIT BATSRY
TRIS VONNA-MICHELL

BIOGRAFIA DA CURADORA

ANA RITO

Ana Rito é artista visual, curadora, investigadora e professora universitária.

É doutorada em Belas-Artes pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, com especialização em Instalação. Desde 2000 que desenvolve projetos que cruzam a prática artística e curatorial, especializando-se na performatividade da imagem em movimento e nas dinâmicas do espectador. Foi assistente de curadoria de Jean-François Chougnnet, diretor do Museu Coleção Berardo de 2007 a 2011, onde desenvolveu investigação curatorial e assistiu curadores como Bernard Blisténe, Marin Karmitz, Luís Serpa, Éric Corne, Eric Fabre, Larys Frogier, Jean-Jacques Lebel e Emmanuelle Lambert; artistas como Judith Barry, Pierre Coulibeuf, Robert Longo, Christian Boltanski, Annette Messager, Peter Kogler ou Rosângela Rennó; e coreógrafos como Jérôme Bel e Jan Fabre, entre outros.

Quanto aos seus projetos curatoriais, destacam-se as exposições *SHE IS A FEMME FATALE: artistas mulheres na Coleção do Museu de Arte Moderna e Contemporânea Berardo*, *One Woman Show*, organização do ciclo de cinema em colaboração com o Festival Temps d'Images, Lisboa (2009); *SHE IS A FEMME FATALE #2*, Biblioteca do Campus da Caparica da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Almada (2010); *OBSERVERS_Revelations, Transits and Distances*, Museu Coleção Berardo, Lisboa (2011); *CURATING THE DOMESTIC Images @ home*, Trienal de Arquitetura de Lisboa (2013); *THE EMBODIED VISION: Performance para a câmara*, Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa (2014); *Arquivo e Democracia*, José Maçãs de Carvalho, MAAT, Lisboa (2017); *CONSTELLATIONS: a choreography of minimal gestures* Museu Coleção Berardo, Lisboa (2019–2022); *ENIGMA*, Pierre Coulibeuf, Galeria FOCO e Cinemateca Portuguesa,

Lisboa (2022); *SEMINÁRIO/Seminarium_curated research_the academy as medium*, Colégio das Artes/ *Bienal Anozero, Coimbra* (2022); *Magical World*, FUSO — Festival Internacional de Videoarte, Lisboa (2022); *The Ongoing Lecture, Retrovisor — Bienal de Cultura e Educação*, Plano Nacional das Artes (2023); e *OVNI* — Festival Internacional de Videoarte, Nice (2023). Foi curadora do programa curatorial da BF22 e da atual edição BF24.

Desde 2000, no desenvolvimento dos seus projetos artísticos e curatoriais, colaborou com diversos agentes e instituições culturais, incluindo: MACBA, Warburg Institute, Yves Klein Archives, Haus Lange-Haus Esters — Kunstmuseen Krefeld, Museu Nacional de Arte Contemporânea, Fundação Calouste Gulbenkian, Casa das Histórias, Centre Georges Pompidou, Trienal de Arquitetura, Arquivos Walter Benjamin, Festival Temps d'Images, Eletronic Arts Intermix, FUSO — Festival Internacional de Vi-

deoarte, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, entre outros.

É coordenadora de projetos artísticos e educacionais para a cidadania e igualdade de género (Comissão Nacional para a Igualdade de Género, Plano Nacional para as Artes, Casa Pia de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Educação, Museu Coleção Berardo, Centro Cultural de Belém). É autora de vários livros, catálogos e ensaios e membro de júris nacionais e internacionais. É também curadora associada da plataforma UmbigoLAB e professora no Venice Curatorial Course (VCC), Veneza. Coordena o mestrado em Estudos Curatoriais e é professora no doutoramento em Estudos Artísticos da Faculdade de Letras e no doutoramento em Arte Contemporânea do Colégio das Artes — Universidade de Coimbra. Atualmente, é investigadora integrada no CEIS20_ Universidade de Coimbra. Foi subdiretora do Colégio das Artes_UC entre 2020 e 2023.

ADRIANA MOLDER

Adriana Molder nasceu em Lisboa em 1975, onde vive e trabalha.

Recebeu o prémio revelação CELPA/Vieira da Silva em 2003 em Lisboa, e o Herbert Zapp Preis für Junge Kunst (Prémio Jovem Artista) em 2007 em Berlim (onde viria a residir por 13 anos). Expõe regularmente desde 2002. O seu trabalho está representado em várias coleções públicas e privadas, tais como a coleção do Novo Banco, Fundação EDP, Banque Privée Edmond de Rothschild, CAV, Caixa Geral de Depósitos, Coleção António Cachola, Coleção Berardo, Union Fenosa e Kupferstichkabinett — Staatliche Museen zu Berlin. Das exposições individuais, destacamos: *Serpentina*, Escola das Artes, UCP, Porto (2023); *Espelho*, Galeria 111, Lisboa (2022); *O Meu Rosto Está Aqui No Fogo-Fátuo*, Jardim de Inverno, Teatro São Luiz, Lisboa (2021); *Todas as Fotografias do*

Ford, projeto Travessa da Ermida, Lisboa (2018); *The Light on the Heart*, Art Plural Gallery, Singapura (2014); *A Dama Pé-de-Cabra, Paula Rego e Adriana Molder*, Casa das Histórias — Paula Rego, Cascais (2012); *Winter Was Hard*, Beck & Eggeling (novas instalações), Düsseldorf (2011); *We have faces!*, DSV Kunstkontor, Estugarda (2009); *Der Traumdeuter*, Künstlerhaus Bethanien, Berlim (2007); *A Madrugada de Wilhelm e Leopoldine*, Fundação Carmona e Costa, Lisboa (2007); *Hôtel*, Fruesorge Galerie für Zeichnung, Berlim (2006); *Copycat*, Museu de Arte Sacra do Funchal (2003); *Câmara de Gelo*, Sintra Museu de Arte Moderna — Coleção Berardo (2002). Entre 2020 e 2024, dirigiu o projeto de exposições Galeria da Casa A. Molder, em Lisboa.

ANNA MARIA MAIOLINO

De origem italiana, Anna Maria Maiolino mudou-se para Caracas, onde estudou na Escuela de Artes Plásticas Cristóbal Rojas entre 1958 e 1960. Já no Brasil, em 1961, fez o curso de gravura em madeira na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Entre 1968 e 1971, estudou no International Pratt Graphic Center, em Nova Iorque. Na sombra da ditadura civil-militar brasileira, as experiências de Maiolino na década de 1960 vincularam-na a movimentos decisivos da história da arte brasileira, como as chamadas Nova Figuração e Nova Objetividade, importantes momentos de inflexão do sistema de arte brasileiro. Na década de 1980, iniciou a sua investigação em torno da materialidade e da gestualidade, que tem vindo a desenvolver num processo experimental contínuo e interligado.

Entre as suas exposições individuais recentes, destacam-se: *Psssiuuuu...*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, e Fundación Malba, Buenos Aires (2022); *In the sky I am one and many and as a human I am everything and nothing*, Kunsthau Baselland, MuttENZ (2021); *Por um fio/ By a Thread*, SCAD Museum of Art, Savannah (2020); *EM TUDO — TODO*, Galeria Luisa Strina, São Paulo (2019); *O amor se faz revolucionário*, PAC Padiglione d'Arte Contemporanea, Milão, e Whitechapel Gallery, Londres (2019); *Errância Poética*, Hauser & Wirth, Nova Iorque (2018); *Anna Maria Maiolino*, MoCA, Los Angeles (2017); *Ponto a Ponto*, Luisa Strina, São Paulo (2014); *Anna Maria Maiolino. Matrix 252*, Berkeley Art Museum and Pacific Film Archive — University of California, Berkeley (2014); *Afecções: Prémio MASP Mercedes-Benz*, MASP, São Paulo (2012); *Anna Maria Maiolino*, Fundação Antoni Tàpies, Barcelona, Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela, e Malmö Kunsthalle (2010–2011); entre outras.

Integrou exposições nacionais e internacionais de

grande relevância, como: *Latin American Art from the Cisneros Gift in Dialogue*, MoMA, Nova Iorque (2023); *Escala: Escultura 1945–2000*, Fundación Juan March, Madrid (2023); *Together. Interact, Interplay, Interfere*, Kunst Meran, Merano (2022); *This Must Be the Place*, America's Society, Nova Iorque (2021); *Realce*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro — MAM Rio (2020); *Senzamargine. Passages in Italian Art at the Turn of the Millennium*, MAXXI — Museo Nazionale delle Arti del XXI Secolo, Roma (2020); *Mulheres radicais: arte latino-americana, 1960–1985*, Pinacoteca de São Paulo, Brooklyn Museum, Nova Iorque, e Hammer Museum, Los Angeles (2017–2018); *14.ª Bienal de Lyon: Mondes Flottantes* (2017); *Art and Space*, Guggenheim Bilbao (2017); *20.ª Trienal de Milão: Art & Food. Rituals since 1851* (2015); *10.ª Bienal de Gwangju*, Coreia do Sul (2014); *30 x Bienal*, Fundação Bienal de São Paulo (2013); *documenta 13: Here & There*, Kassel (2012); *29.ª Bienal de São Paulo: Há sempre um copo de mar para um homem velejar* (2010); entre outras. Agraciada com um doutoramento *honoris causa* em 2022 pela University of the Arts London, Maiolino recebeu diversos prémios ao longo da sua carreira, como o Prémio Clarival do Prado Valladares (Artista pela trajetória), ABCA — Associação Brasileira de Críticos de Arte (2018); Prémio MASP Mercedes-Benz (2012); Prémio APCA — Associação Paulista de Críticos de Artes (1994); entre outros. A sua obra integra importantes coleções em todo o mundo, destacando-se: MoMA, Nova Iorque; Tate Modern, Londres; Centre Georges Pompidou, Paris; MoCA, Los Angeles; MASP, São Paulo; Fundación Malba, Buenos Aires; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid; Pinacoteca de São Paulo; e Galleria Nazionale di Roma.

Em 2024, Maiolino venceu o Leão de Ouro da Bienal de Veneza.

BÁRBARA FONTE

Bárbara Fonte, nascida em 1981, é licenciada em Artes Plásticas — Pintura (2004) e pós-graduada em Teoria e Prática do Desenho (2005) pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Foi docente de Desenho e de Artes Visuais no ensino secundário e no ensino superior (Universidade Católica Portuguesa, Braga).

Realizou várias residências artísticas, incluindo *Performing the Archive*, Porto (2023); Centro de Arte José de Guimarães, *Laboratórios de Verão* (2023); Córtex Frontal, Arraiolos (2022); Encontros da Primavera, Picote (2022); Atelier experimental em Alvito (2022); Galeria Ratton, Lisboa/Setúbal (2021). Produziu ilustrações para livros, de que são exemplo *Picote/Picoute*, Pedro Eiras (2023); *Putrefação e Fósforo/ Coração Cru*, José Emílio-Nelson (2020); *Ritornelos*, Joana Emídio Marques (2014). Participou na bienal de Coimbra *Anozero'24, O Fantasma da Liberdade*, com curadoria de Marta Mestre e Ángel Calvo Ullon. Destacam-se as seguintes exposições individuais: *A casa arde e os esqueletos cortejam*, Sismógrafo, Porto (2023), com curadoria de Susana Camanho e Emídio Agra; *Unha branca diabólica*, Extéril, Porto (2023), com curadoria de José Teixeira; *Coreografias do Riso*, Casa Museu Abel Salazar, Porto (2021), com curadoria de Sílvia Simões; *Pústula*, Galeria A. Molder, Lisboa (2021), com curadoria de Adriana Molder; *Neste corpo não há poesia*, CAAA, Guimarães (2020), com curadoria de Paula P. Pinto; *M (de manifesto)*, Galeria da Universidade do Minho, Museu Nogueira da Silva, Braga (2018),

com curadoria de Miguel B. Duarte; *Fluxo de Intervalos*, Câmara Municipal de São João da Madeira, Paços do Concelho (2016), com curadoria de Paulo Almeida; *Reversibilidade*, Fundação Júlio Resende, Lugar do Desenho (2015), com curadoria de Raquel Guerra.

Destacam-se também as seguintes exposições coletivas: *Pós-laboratórios de Verão*, CIAJG, Guimarães (2023); *La vie invisible. 12 artistes: Ana Janeiro, Bárbara Fonte, Brígida Mendes, Cão Pestana, Carla Cabanas, Graça Sarsfield, Júlia Ventura, Manuela Marques, Margarida Paiva, Rita Barros, Rita Castro Neves et São Trindade*, Centre Photographique d'Île-de-France (CPIF), Pontault-Combault (2022); *Sonhos e Raciocínios: 500 anos depois de Leonardo da Vinci*, Pavilhão de exposições da FBAUP (outubro de 2019), com Alberto Carneiro, Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, António Soares dos Reis, Arlindo Silva, Carlo Maratti, Carlos Nogueira, Cesare Nebbia, Conceição Abreu, Fernando José Pereira, Francisco Laranjo, Francisco Tropa, Giovanni Battista Paggi, Henrique Pousão, João Jacinto, Jorge Pinheiro, Jorge Queiroz, Mário Américo, Mário Bismarck, Mattia Denise, Monika Weiss, Morgan O'Hara, Pedro A.H. Paixão, Polidoro da Caravaggio e Richard Zimler, com curadoria de Paulo Almeida; *Fazer do fantasma uma pessoa viva*, Casa Museu Marta Ortigão Sampaio (maio de 2019), com Cão Pestana, Carla Castiajo, Maria José Oliveira e Rita Carreiro, com curadoria de Raquel Guerra; *Inside/Outside*, Plataforma Revólver, Lisboa (2015), com José Barrias.

BRÍGIDA MENDES

Brígida Mendes nasceu em Tomar em 1977. Vive e trabalha entre Amesterdão e Tomar. Concluiu a licenciatura em Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa em 2004, e em 2006 concluiu o mestrado em Fotografia no Royal College of Art, Londres, onde recebeu o The Photographer's Gallery Graduate Award. Em 2008 e 2009 foi residente na Rijksakademie van Beeldende Kunsten, em Amesterdão. Trabalha com vários meios, incluindo escultura, filme, vídeo e pintura, mas sobretudo com fotografia analógica realizada a partir de cenários construídos em estúdio. Interessa-se por processos de construção de imagens e pelos mecanismos de manipulação da interpretação e compreensão de imagens que estão na base da construção de significado. As suas obras estão intimamente ligadas à sua vida e refletem sobre questões inerentes à existência humana, como a morte, o sexo, a dualidade, a repetição ou a natureza, através de abordagens que recorrem ao humor

como forma de comunicar a condição frágil e falível da humanidade. A sua obra foi representada em várias exposições coletivas em Portugal e no estrangeiro, incluindo: *50 Anos de Arte Portuguesa*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2007); *In Our World, New Photography in Britain*, Galleria Civica di Modena, Modena (2008); *Lá Fora*, Museu da Eletricidade, Lisboa (2009); *Au Feminin*, Centre Cultural Calouste Gulbenkian, Paris (2009); *Vulture Tick — Animal Analogy Screening*, Yinka Shonibare's Space, Londres (2010); *Digital? Analooq!*, Huis Marseille Museum Voor Fotografie, Amesterdão (2010); *Riso*, Fundação EDP, Lisboa (2012); *Variations Portugaises*, Centre d'art contemporain de Meymac, Meymac (2018); *Público/Privado — Doce Calma ou Violência Doméstica?*, Centro de Artes de Sines, Sines (2020); *Não sei se posso desejar-lhe um feliz ano*, Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa (2022); *La Vie Invisible*, Centre Photographique d'Île-de-France, Paris (2022).

BRUCE NAUMAN

Bruce Nauman nasceu em 1941 em Fort Wayne, no Indiana, e licenciou-se em Ciências em 1964 pela University of Wisconsin, onde estudou matemática, física, música e artes visuais. Depois de concluir, em 1966, o mestrado em Artes com especialização em escultura na University of California, em Davis, realizou a sua primeira exposição individual na Nicholas Wilder Gallery, em Los Angeles. Nesse mesmo ano, começou a interessar-se pela fotografia e pelo vídeo, suportes inconventionais para a época. Nauman desenvolveu uma preocupação pelas práticas escultóricas, experimentando também com a performance e o som, que na altura tinham uma presença residual nas artes visuais. Deu aulas no Art Institute of San Francisco em 1966, e na University of California em 1970.

Em 1968, a Leo Castelli Gallery, em Nova Iorque, e a Galerie Konrad Fischer, em Düsseldorf, expuseram a sua obra, no que seria o início de uma longa série de exposições individuais. No mesmo ano, Nauman foi convidado pela primeira vez a participar na *documenta*, em Kassel. Em 1972, o Los Angeles County

Museum of Art e o Whitney Museum of American Art, em Nova Iorque, organizaram a sua primeira exposição individual no espaço museológico, tendo esta cumprido itinerância em várias cidades na Europa e nos Estados Unidos. Em 1979, Nauman mudou-se para o Novo México, onde vive e trabalha desde então. Em 1999, recebeu o Leão de Ouro para o Melhor Artista na Bienal de Veneza, e em 2009 representou os Estados Unidos numa exposição organizada pelo Philadelphia Museum of Art, que ganhou o prémio de Melhor Participação Nacional.

Desde a década de 1980 que apresenta grandes exposições individuais em todo o mundo, destacando-se, mais recentemente, *Bruce Nauman: Disappearing Acts*, organizada pela Laurenz Foundation, pela Schaulager Basel e pelo MoMA de Nova Iorque (2018–2019), e uma exposição individual na Tate Modern, em Londres (2020–2021). *Bruce Nauman: Contrapposto Studies*, em 2022, com curadoria de Caroline Bourgeois e Carlos Basualdo, foi a sua última grande exposição na Punta Della Dogana — Pinault Collection.

CARLA CABANAS

Carla Cabanas nasceu em Lisboa em 1979. O seu trabalho lida com metodologias para expandir as fronteiras definidas do médium fotográfico, ao mesmo tempo que se debruça sobre questões da memória coletiva e cultural. Carla tem apresentado o seu trabalho em numerosas exposições individuais e coletivas, incluindo MNAC — Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisboa (2023); Museu Ibérico de Arqueologia e Arte, Abrantes (2023); Centro de Arte Contemporânea de Coimbra (2023); Museu Nacional de Ciência e História Natural, Lisboa (2023); Centre Photographique d'Île-De-France, França (2022); Arquipélago — Centro de Artes Contemporâneas, Ribeira Grande, Açores (2022); Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa (2022); Appleton (Box), Lisboa (2022); Galeria Carlos Carvalho Arte Contemporânea, Lisboa (2022); Brotéria, Lisboa (2021); MAAT — Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa (2020); Museu Coleção Berardo, Lisboa (2020); Aa Collections Gallery, Viena (2019); BKA-Veranstaltungsraum, Viena (2019); Sternstudio Gallery, Viena (2019); Centre d'art Contemporain, Meymac (2018); Biennale de l'Image Tangible, Paris (2018); Grimm Museum, Berlim (2018); GlogauAIR, Berlim (2018); Fundação Eugénio de Almeida, Évora (2017); Castello Visconteo Di Legnano, Milão (2017); Panal 361, Buenos Aires (2017); Ox Warehouse, Macau (2016); Museu da Cidade, Lisboa (2014); Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa (2015); Arquivo Municipal Fotográfico, Lisboa (2014); 7.ª Bienal São Tomé e Príncipe (2013), entre outras.

Em 2022 foi finalista do Prémio FLAD Desenho, da Fundação Luso-Americana, e em 2012 recebeu uma Menção Honrosa no Prémio de Fotografia Purificacion Garcia. Ficou em 3.º lugar no Prémio de Pintura Ariane de Rothschild em 2005. Recebeu uma bolsa para o

período 2010–2011 no âmbito do programa INOV-Art (Ministério da Cultura de Portugal) para viver em Antuérpia, onde estagiou como assistente do artista David Claerbout.

Realizou várias residências artísticas, nomeadamente: *Transitante: entre álbuns e arquivos*, Workshop Internacional de Artistas Triangle Network, Lisboa (2012); *Viagens Invisíveis*, São Tomé e Príncipe (2013); Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa (2013–2015); *Inter.meada Residências Artísticas*, Alvito (2015); *Mz* Baltazar's Lab*, Viena, com Patrícia J. Reis (2016); *Festival Walk & Talk*, S. Miguel, Açores (2016); *Residência Artística Pico do Refúgio*, São Miguel, Açores (2017); *Schneideri. Home.Studio.Gallery, See you next Thursday*, Viena, com Patrícia J. Reis (2017); *GlogauAIR — Artist in Residence Program*, Berlim (2018); *Kulturkontakt*, Viena (2019); *O Homem que Guardava as Águas*, Casa do Terreiro, Pedrogão do Pranto, Coimbra (2024).

Está representada em várias coleções, das quais se destacam: National Gallery of Art, Washington, DC; FLAD — Fundação Luso-Americana; LPS Collection (Stanislas e Leticia Poniatowski); Colección Kells, Santander; Coleção da Fundação PLMJ; Coleção de Arte Novo Banco; Câmara Municipal de Lisboa; Coleção Figueiredo Ribeiro; Coleção Marín Gaspar; Coleção José Carlos Santana Pinto; e outras coleções privadas.

Cabanas licenciou-se em 2003 em Artes Visuais na Escola Superior de Belas Artes e Design das Caldas da Rainha. Em 2004 concluiu o Curso Avançado na Mau-maus — Escola de Artes Visuais, em Lisboa. Em 2008, Cabanas frequentou o Curso de Fotografia do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística, e especializou-se em Produção e Criação em Artes Tecnológicas na Universidade Lusófona, em Lisboa, em 2009.

DAMIR OČKO

Damir Očko nasceu em 1977 em Zagreb. Licenciado pela Academia de Belas Artes de Zagreb, Očko realizou exposições individuais na Kunsthalle Krems, no Museu de Arte Contemporânea de Zagreb, no Jeu de Paume, em Paris, na Galeria Nacional de Praga, no Museu de Arte Contemporânea de Bordéus, no Museo Amparo, em Puebla, no DAZIBAO, em Montreal, no Palais de Tokyo, em Paris, na Galeria Yvon Lambert, em Paris, no Künstlerhaus Halle für Kunst und Medien, em Graz, na Kunsthalle Düsseldorf, no Temple Bar Gallery and Studios, em Dublin, e na Kunstverein Leipzig, entre outros.

Participou em inúmeras exposições coletivas internacionais em instituições como a OFF Biennale, em Budapeste, o MUDAM, no Luxemburgo, o FRAC le Plateau, em Paris, a Württembergischer Kunstverein, em Estugarda, a Kunsthalle de Viena e a Fundação Louis Vuitton, entre outras.

Damir Očko representou a Croácia na 56.ª Bienal de Veneza com a exposição individual *Studies on Shivering / The Third Degree*. As suas obras integram diversas coleções públicas e privadas, como o FRAC le Plateau, a Fundação Louis Vuitton, o CNAP e o MUDAM, entre outras.

DANIELA ÂNGELO

Daniela Ângelo nasceu em 1996 em Almada, e vive e trabalha em Lisboa. Estudou Fotografia no Ar.Co — Centro de Artes e Comunicação Visual, em Lisboa.

Daniela Ângelo apropria-se de objetos do quotidiano e de espólios museológicos para re-significar e ensaiar novas narrativas que questionam os mecanismos de produção de conhecimento e memória coletiva. Os objetos são selecionados de forma programática, isolados de referências externas e retratados numa atmosfera surrealista, através de um rigoroso trabalho de luz que permite a cristalização das suas qualidades escultóricas.

Em 2024, conta com duas exposições individuais, *Babuíno Talismã*, na Galeria da Boavista, Lisboa, e *Ovo Celeste*, no Convento dos Capuchos, em Almada.

Conta também com a nomeação para a Plat(t)form 2024 pelo Fotomuseum de Winterthur, na Suíça.

Em 2022, apresentou a sua primeira exposição individual, *Bouquet*, na Galeria Ocupa, no Porto.

Em 2021, foi nomeada para a *shortlist* da Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira, e desde então tem participado em várias exposições coletivas, tais

como: *Highly Confusing Times*, Arbag, Lisboa (2024); *Sempre e Nunca Mais*, MACE, Elvas (2024); *Nucleossíntese*, com Miguel Palma, Galeria Hélder Alfaiate, Ericceira (2023); *Taking the Light Out of the Prism*, Duplex, Lisboa (2023); *We Loved Each Other for One Month*, Galeria Francisco Fino, Lisboa (2023); *Contravisões, Parte II*, Museu de Arte Contemporânea de Elvas (2023); *Por um Mundo de Muitos Mundos*, Galeria Francisco Fino, Lisboa (2023); *O Encantado Só Anda no Horário da Maré*, Graça (2023); *Perguntas À Ficção*, Edifício Arco-Íris, Elvas (2022); *Quem Nos Salva?*, Museu de Arte Contemporânea de Elvas (2022); *Matter-Affect*, Galeria No-No, Lisboa (2022); *Sleepers Eyes*, Buraco, Estrela (2022); *Gravitas*, Fundação Leal Rios, Lisboa (2022); *Depois do Banquete*, Teatro Thalia, Lisboa; *Error 417: Expectativa Falhada*, Galeria Municipal do Porto, Porto (2021); *Casa da Dona Laura Itinerante*, Casa do Capitão, Lisboa (2022); *BF20 — Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira*.

Em 2021, foi convidada a participar na conversa «Lisboa Ano Zero: com Catarina Botelho e David Gueniot», no Teatro do Bairro Alto, Lisboa.

DENILSON BANIWA

Denilson Baniwa nasceu em 1984 e é nativo da Amazônia, da nação Baniwa. Tem como base de trabalho a pesquisa sobre aparecimentos e desaparecimentos de indígenas na história oficial do Brasil, ao mesmo tempo em que procura, nas cosmologias indígenas e suas representações artísticas, um possível método de compartilhar conhecimentos ancestrais e, ao mesmo tempo, criar um banco de dados com essas cosmologias como modo de salvaguardá-las.

ELISA AZEVEDO

Elisa Azevedo nasceu em 1996 no Porto. Vive e trabalha entre Lausanne e Lisboa.

É licenciada em Arte Multimédia — Fotografia pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2018), e tem uma pós-graduação em Discursos Fotográficos Contemporâneos (2019) pela mesma instituição. Frequenta o mestrado de Fotografia na ÉCAL (2023–2025).

O seu trabalho vive de uma abordagem sensível à realidade, sem uma vinculação imediata ao tempo, espaço ou sujeito que habita. Na sua fotografia, articula temas como o corpo, identidade, género, sexualidade e transitividade.

Expõe desde 2017, destacando-se as exposições individuais *Corpo, Dentro*, UMA LULIK_, Lisboa (2023); *Rivva*, Saco Azul, Porto (2022); *Prémio*, Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira (2021); e *Body to Body*, Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa (2017). Apontam-se também as exposições coletivas *Mutations: Conexiones Excepcionales*, Casa Museo Lope de Vega, Madrid (2024); *Dez de Pentáculos*, Appleton, Lisboa (2022); *Just Believe*, UMA LULIK_, Lisboa (2022); *Erro 417: Expectativa Falhada*, Galeria Municipal do Porto (2021); *Em Plena Luz*, Fotofestival, Polónia (2021); e *Bienal de Fotografia do Porto* (2021).

IGOR JESUS

Igor Jesus nasceu em 1989 em Lisboa, onde reside e trabalha. É licenciado em escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Em 2022, foi um dos vencedores do Concurso Caixa para Jovens Artistas — Coleção Caixa Geral Depósitos; em 2019, venceu o prémio *Crear/sin/prisa*, parceria Cervezas Alhambra /ARCO; em 2017 foi finalista do Prémio EDP Novos Artistas da Fundação EDP. Ainda em 2017, foi bolseiro pela Fundação Calouste Gulbenkian em parceria com a Künstlerhaus Bethanien, em Berlim, para um programa de residências artísticas. Tem exposto o seu trabalho regularmente, das quais se destacam as exposições individuais: *BanhoMaria*, Escola das Artes, Porto (2022); *Clavier à Lumier*, Rialto6, Lisboa (2021); *Chamber*, Capela Carlos Alberto, Porto (2020); *Safe-light*, Galeria Filomena Soares, Lisboa (2019); *Strob*, No Entulho/Artworks, Porto (2019); *BoundtotheEarth*, Kunstraum Botschaft, Berlim (2019); *Anthropophag*, Feira de Arte de Colónia (2018); *Love you to the bones*, Galeria Filomena Soares, Lisboa (2017); *Liebe bis unter die haut*, Künstlerhaus Bethanien, Berlim (2017); e *Chessari*, Galeria Solar, Vila do Conde (2016). Entre as suas exposições coletivas mais recentes, destacam-se: *Escola da Libertinagem*, Galeria Fran-

cisco Fino, Lisboa (2022); *Aqui Somos Rede*, Rialto6, Lisboa, e MACE, Elvas (2022); *Uppercut Editions*, UpperCut, Lisboa (2021); *Água, vinho e coroas de flores*, UpperCut, Lisboa (2019); *Murro no Estômago*, Galeria da Boavista, Lisboa (2019); *El fantasma de una oportunidad*, La Nave, Madrid (2019); *Collaboration*, Schijf, Rosendal, e Quinta do Quetzal, Vidigueira (2018); *Tawapayera*, Atelier Museu Júlio Pomar, Lisboa (2017); *Prémio EDP Novos Artistas — Fundação EDP*, Lisboa (2017); *Offene Werkstätten*, Künstlerhaus Bethanien, Berlim (2017); *Themorus*, Galeria Municipal do Porto (2017); *Artists' Film International*, MAAT, Lisboa, Whitechapel Gallery, Londres, Istanbul Modern, GAMeC — Galleria d'Arte Moderna e Contemporanea di Bergamo, e Project 88, Bombaim (2016); *O lince não conhece fronteiras*, Fondation d'Entreprise Ricard, Paris (2016), entre outras.

As suas obras integram diversas coleções públicas, tais como: Coleção António Cachola, Elvas; Coleção Fernanda Ribeiro, Lisboa; Coleção Fundação EDP, Lisboa; Coleção Norlinda e José Lima, São João da Madeira; TFRA – Teixeira de Freitas e Associados, Lisboa; entre outras coleções privadas em Portugal, Espanha, Bélgica, Holanda e Brasil.

INÊS MOURA

Inês Moura nasceu em Coimbra em 1984. É artista, investigadora e professora.

Ao utilizar uma variedade de linguagens artísticas, como fotografia, desenho, escrita, som, colagem, escultura, instalação, *site-specific* ou performance, a artista procura construir um corpo de trabalho em torno de conceitos como fronteira, lugar, identidade, pertencimento, viagem e migração, aos quais está ligada pela sua experiência autobiográfica de desterritorialização. Coimbra, Lisboa e São Paulo são cidades nas quais se reconhece e que fazem parte dessa identidade fragmentada, tatuada de viajante. A imagem, a palavra, o espaço como matéria e o corpo aparecem muitas vezes nos seus trabalhos como forma de expressão de uma profunda ligação à Natureza, aos lugares que habita, a uma arqueologia da memória e do tempo.

Desde 2023 que tem vindo a desenvolver em co-autoria com Lilian Walker (artista visual) e Rita Maria (compositora e cantora) um novo corpo de trabalho no campo da investigação e criação, com foco nos cruzamentos entre áreas artísticas e processos de improvisação. Desta parceria já resultaram *Som e Gesto em Síntese do Existir* (2023), *Sonoridade Táctil* (2023), *A Voz é Sítio de Existência* (2023) e *Tangente* (2024). Desde 2009 que Inês Moura desenvolve trabalhos pontuais em co-autoria, dos quais se destacam os projetos *Projecção de Bolso* (2009), em vídeo, com Maura Grimaldi, obra que integra o acervo do CAPC; *Batalha-Naval* (2014), *site-specific* para as carpintarias da Carris, em Lisboa, com Maria Sassetti; *Comer a Montanha* (2022), desenho-instalação com Helena Ferreira e Marcelo Moscheta; *Ciranda* (2023), *site-specific* e performance para a Antiga Manutenção Militar de Coimbra, com Luísa Bebiano e Nuno

Maia, e design de som de Henrique Vilão.

Em 2009 recebeu o prémio BES Revelação, na sequência do qual apresentou o seu trabalho na Fundação de Serralves. Desde então que participa em exposições nacionais e internacionais, das quais se destacam, nas individuais: *Entre Manhãs*, com curadoria de Estefânia R., Casa-Museu Bissaya Barreto, Coimbra (2024); *Interstício*, com curadoria de Miguel von Hafe Pérez, CAV, Coimbra (2023); e, nas coletivas: *Entre o Céu e a Terra*, Coleção AA, Igreja das Domínicas, exposição integrada no evento *15 Anos de MACE*, Elvas (2022); *Zoom In Zoom Out — Diálogos das Imagens com o Real*, MNAC, Lisboa (2022); *Chama Plural*, com curadoria de Isabella Lenzi, Consulado Geral de Portugal em São Paulo (2016); entre outras.

É licenciada em Pintura-Belas Artes pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2009) e mestre em Artes Visuais e Procedimentos Artísticos pelo Instituto de Artes da Universidade Federal Paulista (2013), onde defendeu a dissertação *Entre Portugal e São Paulo um percurso artístico em construção*. De 2011 a 2013, foi membro do Grupo de Pesquisa GIIP (IA-UNESP) sob orientação de Rosângela Leote. Entre 2009 e 2011, integrou a equipa editorial e de produção do 4.º número da revista *MARTE, Da Criação Artística à Intervenção Espacial*, com coordenação editorial de Sara Antónia Matos. Após quase 12 anos a residir em São Paulo, onde desenvolveu igualmente a sua carreira na área da arte-educação como professora e mediadora, regressou a Portugal em novembro de 2020 e passou a estar quase exclusivamente dedicada à criação artística no seu atelier. O seu trabalho está presente em coleções privadas como a Coleção AA, Coleção Isabel e Carlos Mimoso e Círculo de Artes Visuais de Coimbra.

INSTITUT LUMIÈRE

Com sede em Lyon, o Institut Lumière dedica-se à promoção e preservação do cinema. O instituto inclui uma biblioteca, uma galeria e um museu que homenageiam a contribuição cinematográfica de Auguste e Louis Lumière — inventores do *cinématographe* e pais do cinema. Todos os anos, em outubro, o Institut Lumière organiza o Festival de Cinema Lumière em Lyon.

Fundado em 1983, desde essa data que o instituto

tem como presidente o cineasta francês Bertrand Tavernier. O diretor-geral é Thierry Frémaux, que também é o diretor do Festival de Cannes. O museu está localizado na casa da família Lumière, no bairro Monplaisir, em Lyon, onde o *cinématographe lumière* foi inventado. Integra também o cenário central do filme *La Sortie de l'usine Lumière à Lyon*, o primeiro filme dos Lumière e um dos primeiros filmes da história do cinema.

IRIT BATSRY

Irit Batsry é uma artista internacionalmente reconhecida cujo trabalho investiga a criação, a percepção e a história das imagens em movimento em relação com a memória pessoal e coletiva. Recebeu o prestigiado Whitney Bial Bucksbaum Award em 2002, a Bolsa da Fundação Guggenheim em 1992, e o Grand Prix Video de Création do Société Civile des Auteurs Multimedia em 1996 e 2001.

As suas obras fazem parte das coleções de diferentes museus e já foram apresentadas extensivamente em 35 países. Destacam-se as exposições na National Gallery, Washington, no National Film Theatre e na ICA, em Londres, no CCB, em Lisboa, no Museo Reina Sofia, em Madrid, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Ludwig Museum, em Colónia, e no Whitney e no MoMA, em Nova Iorque. Em 2006, o Jeu de Paume, em Paris, organizou uma retrospectiva das suas obras em vídeo (1981–2006).

Irit Batsry nasceu em Israel em 1957. Formou-se na Bezalel Academy of Art and Design (BFA *cum laude* 1977–1982), em Jerusalém, onde fez a sua pós-graduação em videoarte em 1983. Mudou-se para Nova

Iorque em 1983, onde aprofundou a sua investigação em *image processing* no Experimental TV Center, em Owego. Na década de 1990, criou os seus vídeos e instalações em residências de longa duração: no CICV Montbéliard-Belfort, entre 1992 e 1993; na Cité International des Arts, Paris, entre 1994 e 1996; na Academy of Media Arts, Colónia, entre 1996 e 2000; e em Montreal, entre 1999 e 2002, apoiada pela Daniel Langlois Foundation for Art, Science and Technology. Irit Batsry estabeleceu o seu *atelier* em Lisboa há mais de 10 anos, tendo tido parte ativa na vida cultural de Lisboa ao longo das últimas duas décadas. Como curadora, cofundou os festivais *Temps d'Images* (2002), *Loops.Lisboa* (2015), *Loops.Expanded* (2019) e *VEM: Videoarte Em Movimento* (2021).

Irit Batsry trabalha em ciclos temáticos plurianuais que incluem vídeo, instalações, fotografia e textos. Entre os seus principais ciclos temáticos, incluem-se: *Passage to Utopia* (1984–1994); *On Vision* (1991–2000); *These Are Not My Images* (1994–2000); *On Sets* (2001–2015); *Caution/Danger* (2010–2012); *Irit Batsry: Film Works* (2011–presente).

PAULO ARRAIANO

Paulo Arraiano nasceu em 1977 em Portugal. Formou-se em Comunicação e Artes Plásticas no Ar.Co — Centro de Arte e Comunicação Visual (Lisboa). Trabalha atualmente como artista plástico, abordando essencialmente temas que correlacionam o corpo, natureza e tecnologia numa era de transição e evolução tecnológica e novos paradigmas naturais e sociais. Conta com inúmeras exposições em instituições nacionais e internacionais (Lisboa, Porto, Milão, Bruxelas, Zurique, Rio de Janeiro, São Paulo, Miami, Washington DC). Os seus trabalhos estão representados em várias coleções públicas,

incluindo o CAC de Málaga; a Luciano Benetton Collection (Itália); o Quartier Général Arts Center (Suíça); o Museu de Angra do Heroísmo (Açores); a Sztuki Zewnetrznej Foundation (Polónia); o Grupo Pestana (Portugal); a Fundação D. Luís / Bairro dos Museus (Portugal); e o MARCC (Portugal). É também cofundador da Re_act contemporary, laboratório e residência de arte contemporânea assente nas questões ligadas à sustentabilidade, ao antropoceno, às novas ecologias, ao transhumanismo e às alterações climáticas; e do no.stereo, uma plataforma gerida por artistas.

SANDRA ROCHA

Sandra Rocha nasceu em Angra do Heroísmo, nos Açores, em 1974. Após frequentar a licenciatura em Biologia na Universidade dos Açores (1994–1996) e estudar fotografia no Ar.Co — Centro de Arte & Comunicação Visual (1996–1998), licenciou-se em História da Arte pela UNL-FCSH (2008), tendo posteriormente frequentado o Programa Gulbenkian — Criatividade e Criação Artística (2008) e o atelier de prática de realização de filmes documentais dos Ateliers Varan (2016). Depois de colaborar como fotojornalista no jornal diário *A Capital* (1999–2003), trabalhou como *freelancer* no mercado editorial europeu e foi cofundadora do coletivo de fotógra-

fos [kameraphoto] (2003–2011), onde concebeu inúmeros projetos, livros e exposições. Mudou-se para Paris em 2013 e aí publicou *Anticyclone* (edição de autor, 2013), *Le Silence des sirènes* (Loco, 2016), *Dérive des baigneuses* (Filigranes, 2017) e *La vie immédiate* (Loco, 2017). Foi bolseira dos Ateliers Médicis (2017) e do Centre national des arts plastiques (2019). Nos anos mais recentes, expôs no Arquipélago — Centro de Artes Contemporâneas (Ribeira Grande, Açores, 2018), no Centre Photographique d'Île-de-France (Paris, 2021), nos ateliers Les Capucins (Brest, 2022), nos Les Rencontres d'Arles (Arles, 2022) e no MAAT (Lisboa, 2023).

SR TESTE EDIÇÕES

Catarina Domingues vive e trabalha em Lisboa. Trabalha com desenho e autoedição de livros, refletindo sobre o feminino enquanto abertura e nascença. As suas imagens são sobre a consciência de que o corpo que somos não nos pertence — um corpo trespassado pela alegria de se ser agora (um instante em que se desconhece radicalmente o porvir). Tal reconhecimento exige a ação do humano: o pensamento, viver ativamente. Os desenhos surgem do espanto perante o que existe e poderia não existir: o espanto de se desconhecer a origem.

Ricardo Ribeiro vive e trabalha em Lisboa. Desenvolve diversos projetos individuais como músico *freelancer* de música escrita, improvisada e experimental, envolvendo-se também em projetos como músico convidado. A sua participação nas artes cénicas desdobra-se pelo teatro, dança, performance, como intérprete e compositor.

Juntos iniciaram as edições Sr Teste. A coleção «Fulgur Quotidiano» nasce de um desejo de partilha de uma biblioteca íntima constituída pelos seus autores de eleição, tecendo assim uma teia de ligações de pensamento sensível. Estes diálogos são expnenciados nas relações de leitura que têm sido criadas com artistas plásticos convidados.

Em 2023, a convite do Centro Cultural Vila Flor em Guimarães, celebrando os 31 artistas que até então os acompanhavam nas coleções, foram responsáveis pela curadoria da exposição *A prática do infinito pela leitura*, convocando as palavras iniciais. Nesta exposição expandiram os limites do que se considera ler, o gesto de ler, ampliando-o ao gesto de viver em atenção. Os livros e os trabalhos dos artistas foram expostos nesta dimensão de leitura que abre leitura num diálogo infinito.

TRIS VONNA-MICHELL

Tris Vonna-Michell, radicado em Estocolmo, trabalha com diversos suportes. As suas obras mais recentes podem ser encontradas em várias coleções públicas, como o Museu de Serralves, no Porto, o Moderna Museet, em Estocolmo, o San Francisco Museum of Modern Art, o CNAP, em Paris, a Tate Modern, em Londres, e a Kunsthalle de Hamburgo. Vonna-Michell tem exposto de forma extensiva em museus, bienais e galerias, e mais recentemente na Jan Mot, em Bruxelas, em março de 2022. A sua obra recorre a uma variedade de dispositivos técnicos, modos de apresentação e abordagens instalativas, incluindo performance, gravações de áudio, projeções de slides, poesia, poesia sonora, impressões, fotografia e filme.





BIENAL DE FOTOGRAFIA DE VILA FRANCA DE XIRA PRÉMIO CELEIRO DA PATRIARCAL



PROGRAMA CURATORIAL SERPENTE INFINITA



FÁBRICA DAS PALAVRAS



MUSEU MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA



MUSEU DO NEO-REALISMO



GALERIA PAULO NUNES



NÚCLEO MUSEOLÓGICO DO MÁRTIR SANTO



CELEIRO DA PATRIARCAL (2ª FASE)

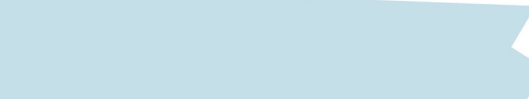
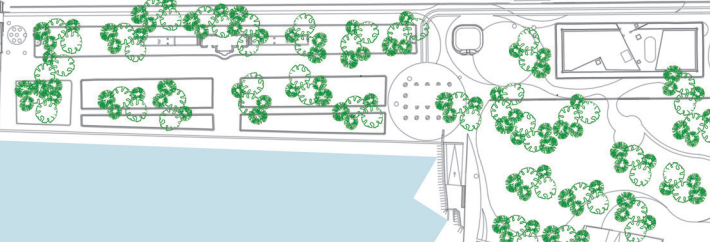




BF 24
GALERIA
PAULO NUNES
DIAS

BF 24
MUSEU
DO MARQUÊS
DE SANTO

BF 24
MUSEU
DO MARQUÊS
DE SANTO



BF24

BIENAL DE FOTOGRAFIA DE VILA FRANCA DE XIRA

[Exposição]

Celeiro da Patriarcal

Rua Luís de Camões, n.º 130
2600-180 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 271 155

HORÁRIO

Terça-feira a domingo
15h00 às 19h00
Encerra às segundas-feiras, feriados

Fábrica das Palavras

Largo Mário Magalhães Infante, n.º 14
2600-187 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 271 200

HORÁRIO

Terça, quarta e quinta-feira
Piso 1 – 10h00 às 19h00
Piso 2 – 10h00 às 13h00 - 14h00 às 18h00
Piso 3 – 10h00 às 13h00 - 14h00 às 19h00
Sexta-feira
Piso 1 – 10h00 às 22h00
Piso 2 – 14h00 às 18h00
Piso 3 – 10h00 às 13h00 - 14h00 às 18h00 - 19h00 às 21h00
Sábado
Piso 1 – 10h00 às 19h00
Piso 2 – 10h00 às 13h00 - 14h00 às 17h30
Piso 3 – 10h00 às 13h00 - 14h00 às 17h30
Domingo
Piso 1 – 10h00 às 18h00
Piso 2 – 10h00 às 13h00
Encerra às segundas-feiras e feriados

Galeria Paulo Nunes - Arte Contemporânea

Rua Dr. Vasco Moniz, n.º 7
2600-273 Vila Franca de Xira
HORÁRIO

Terça-feira a domingo
15h00 às 19h00
Encerra às segundas-feiras, feriados

Museu do Neo-Realismo

Rua Alves Redol, n.º 45
2600-099 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 285 626
Vidros/Fachadas

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, n.º 65
2600-263 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 271 155
Vidro/Fachada

Núcleo Museológico do Mártir Santo

Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 249
2600-197 Vila Franca de Xira
HORÁRIO
4.ª feira a domingo
9h30 às 12h30 - 14h00 às 17h30
Encerra às segundas, terças-feiras e feriados

ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Presidente
Fernando Paulo Ferreira

PELOURO DA CULTURA

Vereadora
Manuela Ralha

COORDENAÇÃO GERAL

DIREÇÃO MUNICIPAL DE AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO HUMANO
DEPARTAMENTO DE TURISMO, CULTURA E IDENTIDADE PATRIMONIAL E IMATERIAL
DIVISÃO DE CULTURA, MUSEUS E PATRIMÓNIO HISTÓRICO

CURADORIA

DO PROGRAMA CURATORIAL SERPENTE INFINITA

Ana Rito
ASSISTENTE DE CURADORIA
Hugo Santos Silva
CURADOR CONVIDADO DA RESIDÊNCIA EDITORIAL E ARTÍSTICA DA EDITORA SR TESTE NA FÁBRICA DAS PALAVRAS

Hugo Barata
REVISÃO
Diogo Montenegro

PRODUÇÃO, PLANEAMENTO E LOGÍSTICA

DIVISÃO DE CULTURA, MUSEUS E PATRIMÓNIO HISTÓRICO
Catarina Santos
Margarida Ribeiro
Tatiana Jesus

MONTAGEM

DIVISÃO DE CULTURA, MUSEUS E PATRIMÓNIO HISTÓRICO
Margarida Ribeiro
Tatiana Jesus
DEPARTAMENTO DE OBRAS E PROJETOS MUNICIPAIS

António Constantino
António Costa
Aquilino Amaro
Carlos Carvalho
Carlos Silva
Flávio Brás
Guilherme Rómulo
Joaquim Rodrigues
José Crispim
José Fernandes
Marco Pedro
Mário Silva
Paulo Abreu
Ricardo Rebelo
Sérgio Pires
Silvério Gomes
DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO, PROTOCOLO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
Helder Dias
Miguel Oliveira
Nuno Correia

COMUNICAÇÃO DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO, PROTOCOLO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Bernardete Aguilhar
Carla Coquenim

ADAPTAÇÃO GRÁFICA

DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO, PROTOCOLO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
Dulce Munhoz

WEB DESIGN

João Pereira
Renato Lourinho
Tiago Nunes

